

Psicologia não quer presença de aidéticos

O uso do banheiro dos professores, funcionários e alunos do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP) pelos dez aidéticos que desde março vêm recebendo assistência psicológica da equipe do psicólogo Esdras Vasconcelos, numa das salas de aulas do Instituto de Psicologia, desencadeou, no último dia 14, uma votação polêmica: a congregação decidiu, por 14 votos contra um, que o docente Vasconcelos deveria procurar novo local para desenvolver a sua pesquisa de terapia com os portadores do vírus da Aids.

A diretora do Instituto de Psicologia, Zélia Chiarottino, lamentou ontem que a votação se tivesse realizado sem a consulta prévia de especialistas. Segundo ela, alguns professores aventaram a possibilidade de ser contaminados pelo vírus. "O professor de Psicologia não está apto para manifestar-se a respeito das formas de contágio, porque isso não é de sua especialidade. Seria fundamental ouvir antes especialistas no assunto", defendeu.

O psicólogo Esdras Vasconcelos garantiu que a congregação estava realmente receosa do perigo da contaminação, embora o vírus da Aids, como é fato conhecido, não seja transmitido por meio do contato social. Ontem à tarde, o reitor da USP, José Goldemberg, que até a vés-

pera desconhecia a decisão do Instituto de Psicologia, declarou que os pacientes aidéticos poderão ser enviados para o centro de atendimentos a pacientes especiais, na Faculdade de Odontologia, um novo departamento criado em junho para atender deficientes físicos, excepcionais e aidéticos. Esdras Vasconcelos reafirmou que preferia continuar a sua pesquisa no Instituto de Psicologia Social. "Não trabalhamos com pacientes terminais e apenas fazemos aqui o controle do stress físico e emocional dos portadores do vírus da Aids", contou ele.

Ontem, o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa) entregou ao reitor um documento pedindo que a decisão da congregação fosse revista. No mesmo dia, uma comissão de alunos da faculdade realizou uma assembléia a favor da permanência do atendimento no local. O Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, chefiado por Ecléa Bosi, também redigiu um documento para "reafirmar a importância do trabalho de Esdras Vasconcelos e a necessidade de sua continuidade". A questão do preconceito, porém, foi contornada pelos professores. "Quero crer que não houve preconceito, porque esta atitude um cientista jamais poderia ter", considerou Zélia Chiarottino.